



O Camponês

ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

AGRAVA-SE A CRISE DE TRABALHO

Terminada as ceifas e trabalhos de recolha de cereais, agrava-se seriamente a crise de trabalho em todo o Alentejo. Todos os anos esta situação se repete e todos os anos os governantes prometem medidas para a modificar, mas a realidade é que de ano para ano tudo se agrava como se se tratasse de uma maldição a que não é possível fugir! De vários lados nos chegam notícias sobre o agravamento da crise. De Évora ainda há pouco o «Século» noticiava que havia imensos trabalhadores desempregados. Em toda a região de Montemor-o-Novo, como no resto do Alto Alentejo há milhares de pessoas sem trabalho. No distrito de Beja a situação é extremamente grave; em terras como Serpa, Baleizão, Pias, V. de Vargo, Aldeia Nova, Moura, etc., há centenas e centenas de desempregados sem quaisquer perspectivas de trabalho e sem que qualquer autoridade se preocupe com a sua sorte ou tome medidas para atenuar a fome que vai nos seus lares.

Só quem tenha vivido ou conhecido muito de perto a trágica situação em que vivem milhares de famílias alentejanas, só quem saiba verdadeiramente o que é passar semanas e semanas seguidas sem ganhar um tostão, pode avaliar toda esta imensa tragédia. Nos últimos anos milhares de assalariados têm procurado fugir-lhe deixando as suas terras em busca de trabalho, mas por maior que seja este número, haverá sempre milhares deles que permanecerão nas suas localidades, em especial as mulheres, crianças e homens de mais avançada idade, os quais são já e serão no futuro as maiores vítimas desta trágica situação.

A solução do problema não é fácil, mas ele não pode ficar eternamente tal como está. As pessoas mais conscientes e esclarecidas de cada terra não podem ficar de braços cruzados à vista de uma tão negra situação, é preciso organizar a resistência à fome. Se todos se unirem e se dispuserem a marchar acompanhados de suas famílias,

até junto das autoridades e agrários a exigir trabalho ou pão, as coisas tomarão logo outra feição, o trabalho aparecerá e com ele o pão a que todos têm direito.

Irmãos do Alentejo! A solução da crise que a todos afecta não pode ser resolvida apenas fora das nossas terras. Há por todo o Alentejo milhares e milhares de hectares de terra inculta, que pode e deve ser cultivada; se os seus proprietários assim o não entendem devem ser desapossados dela. A luta por uma Reforma Agrária que promova o aproveitamento para já de todas as terras incultas e mal cultivadas deve começar imediatamente, esta será outra via para se acabar com a crise e também uma valiosa e necessária contribuição para ajudar a levantar a Nação contra o regime salazarista. Sem es-correr Salazar e a sua camarilha do poder não haverá solução possível para as crises de trabalho que se agravam de ano para ano. Sem uma larga participação das massas camponesas do Alentejo nesta luta a vitória torna-se mais difícil e de resultados mais restritos e duvidosos.

Vamos pois irmãos alentejanos, organizemos a luta por trabalho ou pão, pela distribuição das terras incultas, pelo levantamento em massa da Nação contra Salazar e o seu regime.

FIRMEZA E UNIDADE, CAMINHO PARA A VITÓRIA

BALEIZÃO — Cerca de duas dezenas de trabalhadores que andavam por conta do agrário Ferrão carregando molhos para uma máquina, puseram-se em greve durante dois dias por este senhor pretender baixar a jorna 2 escudos por dia. Ao fim de dois dias de greve como não encontrasse quem lhe fizesse o serviço por jorna inferior à que antes pagava viu-se obrigado a chamar os que haviam largado o trabalho.

Nesta mesma localidade, o agrário José Lourenço, seguindo o exemplo do Ferrão, tentou igualmente baixar a jorna em 2 escudos, mas também aqui os trabalhadores responderam com a greve. Raivoso por não arranjar quem trabalhasse por menos, não voltou a dar trabalho aos que o tinham abandonado, mas teve que pagar a jorna anterior aos que contratou.

Desta maneira estes valentes trabalhadores de Baleizão demonstraram mais uma vez que quando há unidade e firmeza a vitória pertence aos trabalhadores.

Trabalhadores de Baleizão aproveitai mais esta experiência e organizai a luta contra o desemprego e por trabalho ou pão. Juntai-vos todos e com as vossas mulheres e filhos ide às autoridades e agrários exigir que vos dêem trabalho. Se mantiverdes a vossa unidade e firmeza, vais uma vez a vitória vos pertencerá.

UNAMOS TODA A NAÇÃO CONTRA A POLITICA SUICIDA DE SALAZAR! AVANTE POR UM MOVIMENTO ELEITORAL DE MASSAS!

ABAIXO A GUERRA COLONIAL

Há mais de 6 meses que os salazaristas desencadearam a guerra contra o heroico povo de Angola e neste espaço de tempo milhares de vidas inocentes caíram para sempre ceifados por esta guerra devastadora, que não tem outro fim que não seja a defesa dos interesses dos grandes roceiros e monopolistas nacionais e estrangeiros, que sugam até à medula os povos coloniais e os mantêm em regime de autênticos escravos e no atraso mais degradante.

Tentando enganar o povo português, os governantes salazaristas esforçam-se por fazer crer que Angola e as outras colónias portuguesas são parte integrante da Nação e que o povo português não poderia sobreviver se as perdesse. É evidente que uma e outra coisa são refinadas mentiras.

Os povos de Angola ou de outras colónias são povos distintos do povo português. Os portugueses não são mais que escravizadores e exploradores que injustamente se apoderaram dos seus países.

Por outro lado o povo português nunca lucrou nada com a dominação colonial. Nem por sermos um dos primeiros países coloniais, nós deixamos de ter um dos mais baixos níveis de vida da Europa.

É por igual absolutamente falsa a tão apreguada harmonia existente entre brancos e negros. A guerra que os povos de Angola primeiro e mais recentemente os da Guiné conduzem contra o domínio português, não é mais que a continuação das guerras que eles têm vindo a travar, mais ou menos continuamente desde o começo da dominação portuguesa.

Os salazaristas pretendem esconder ao povo português e ao mundo, que os povos das colónias portuguesas, embora dominados pela força, nunca se consideraram vencidos. Simplesmente enquanto a luta no passado decorria numa época em que o colonialismo estava em plena força, hoje ela decorre em condições muito diferentes. O colonialismo está na agonia e completamente condenado pelos povos de todo o mundo. Os povos africanos que lutam pela sua independência têm agora a certeza na vitória e sabem que podem contar, além do mais, com a simpatia e ajuda do invencível campo do socialismo; por isso a sua luta tem hoje outras perspectivas e não pode terminar senão pela independência.

O povo português, para quem esta guerra é extremamente impopular, não pode ficar de braços

cruzados a ver milhares de jovens que os salazaristas pretendem transformar em assassinos de pessoas inocentes e em carne de canhão para defender interesses que nem são seus nem do país. Esta é uma guerra ingloria, vergonhosa e injusta, que ao nosso povo só trará mais miséria, luto e dor.

Perante tais perspectivas «O Camponês» não pode deixar de apelar para todos os seus leitores no sentido de darem a sua ajuda ao valente povo angolano e das outras colónias que lutam pela sua

(continua na 2ª pág.)

COMEMOREMOS O 5 DE OUTUBRO

«O Camponês» chama todos os camponeses do Sul a organizar as comemorações do 5 de Outubro ligando-as com a próxima acção eleitoral.

Organizemos reuniões, festas de confraternização no campo, lutas de foguetes, enfeiteamento das portas e janelas com flores e a bandeira nacional.

Façamos do 5 de Outubro dar-se um dia de confraternização patriótica e de luta pelas liberdades democráticas. Não trabalhemos nesse dia para comemorar esta data nacional e popular.

Que nenhum patriota, que nenhum trabalhador do campo deixe de festejar o 5 de Outubro!

APRÓXIMAM-SE AS 'ELEIÇÕES' PARA DEPUTADOS

Estão aproximar-se as eleições para deputados à Assembleia Nacional, o que quer dizer que se aproxima mais uma grande jornada nacional de luta. O povo português, que nunca se deu por vencido perante a ditadura salazarista, tem travado lutas grandiosas contra ela através destes longos anos. A experiência que tais lutas lhe tem trazido convenceu-o já que a derrota da tirania que esmaga o país há 35 anos, não poderá ser obra do tempo, nem lhe será ofertada seja por quem for; ela tem de ser obra sua e só poderá alcançar-se através da luta cada vez mais unida e decidida.

Entre as lutas que se têm travado no país e que mais têm abalado o regime, contam-se, sem dúvida, aquelas que têm tido lugar nos períodos eleitorais. O que tornou grandiosas as lutas eleitorais de 1949 e 1958 foi a movimentação de massas que elas proporcionaram. Uma movimentação igual ou mesmo mais grandiosa é da mesma maneira possível nestas eleições, na condição de haver listas de deputados em todos os distritos. No momento presente em que o descontentamento das massas está atingindo o auge o aproveitamento em cheio das possibilidades legais de luta que um tal período proporciona pode criar para os fascistas uma situação extremamente perigosa, como pode dar ao nosso povo mais uma grande experiência e talvez mesmo, quem sabe, se o treino para a arrancada final contra o fascismo, ou seja, para o levantamento geral da Nação que a maioria do povo ardentemente deseja.

É pois de interesse máximo que todos os camponeses, todos os patriotas, organizem desde já esta luta. Que fazer então?

Formar comissões eleitorais em todas as localidades, bairros, empresas e herdades e trabalhar para que em todos os distritos sejam apresentadas listas únicas de candidatos representativas de todas as correntes políticas.

Organizar as mais variadas lutas, por reivindicações económicas, contra a guerra de Angola, contra a repressão e pela Amnistia, etc!

Lutar firmemente pela seriedade das eleições e pelo respeito da vontade do povo!

CARTAS DE LEITORES

**TODOS PAGAM MAS
SÓ ALGUNS BEBEM**

Têm-se gasto rios de tinta por causa das gotas de água, que os governantes fascistas dizem ter que chegar a todos os portugueses! Sim senhor a todos os portugueses, pois é preciso que todos sejam asseados, que todos bebam, se possível pela «medida grossa».

Os «nossos» governantes são assim. Nada de miséria, pelo menos nisto da água; se não poder ser no Verão pelo menos no Inverno, altura em que a grande maioria da população, já que não tem abafos de qualquer espécie se pode encharcar até aos ossos abolutamente de graça, cumprindo-se assim a soberana vontade dos governantes da Nação!

Mas no Verão? No Verão, quem é que tem culpa de não chover e da água ser pouca? Ora se ela é pouca, é justo que não seja aos ricos que ela falte, coitados deles, que no Inverno apanham muito menos que os pobres! Seguindo este formidável raciocínio as autoridades do Couço resolveram o problema da «melhor» maneira, como aliás é seu hábito. É pouca a água? Não chega para todos? Então o melhor é abri-la sómente uma hora por dia, mas na altura em que os trabalhadores, homens e mulheres que constituem a imensa maioria da população esteja no trabalho, desta maneira estes nunca apanham água, mas em compensação os lavradores e outros podem inclusive encher depósitos e regar as suas hortas, sem que isto lhes custe um centavo a mais, pois quer gastem ou não todos pagam igual 10 escudos por mês! Ora digam lá se estes senhores do Couço não são mesmo uns espertalhões.

Zé do Couço

«UM GRANDE BENEMÉRITO»

O grande-agrário e refinado fascista da região de S. Tiago do Cacém, Carlos Parreira, como é homem muito preocupado com a sorte dos trabalhadores que trás numa sua herdade, a quem não rouba a camisa porque não pode, resolveu assegurar o futuro a todos com a imposição de se alistarem na Legião. Mas como responderam os «ingratos trabalhadores» a tão nobre gesto? Recusaram-se simplesmente a aceitar tal imposição e ainda por cima abandonaram o trabalho! É claro que o grande «benemérito» C. Parreira, não se podia conformar com tal atitude de firmeza e consciência por parte dos trabalhadores e como estava e está preocupado com a sorte dos assalariados que o servem, resolveu chamar a Pide, a qual talvez por falta de espaço no Aljube só levou o trabalhador Manuel Escorrega.

Tudo isto se fica a dever ao grande «benemérito» C. Parreira! Quando será que os trabalhadores se organizam em ampla comissão e prestam a este senhor a homenagem que ele merece?

Um trabalhador de S. Tiago do Cacém

As mulheres unem-se e conquistam MELHORES JORNAS NOS TRABALHOS DO ARROZ

SINES — Na herdade dos Caniços um rancho de mulheres andava a munda do arroz a ganhar 15\$00. Dando um belo exemplo de união e firmeza exigiram e conquistaram a jorna de 22\$00.

Também na herdade do Monte do Mudo outro rancho de mulheres que ganhava a 16\$00 exigiu 20\$00. O agrário só deu 18\$00. As

mulheres abandonaram o trabalho e foram para outro patrão a ganhar 22\$00.

ERMIDAS — Só um agrário está a dar as 8 horas e a pagar 20\$00 aos homens e 16 às mulheres. Entre os outros agrários destaca-se o fascista João dos Santos, por alcunha o «Quer Tudo», que ameaça com as autoridades o agrário que continua a dar as 8 horas.

VITÓRIAS DOS TIRADORES DE CORTIÇA

S. DÓMINGOS DA SERRA — Os tiradores de Cortiça uniram-se e lutando conquistaram jorna de 40, 45\$00 e as 8 horas.

ERMIDAS — Também devido à sua luta e unidade os tiradores de cortiça conquistaram 40\$00 e 8 horas.

GRANDOLA — Aqui os tiradores de cortiça não conseguiram conquistar as 8 horas mas ganharam, também por terem lutado, as jorna 40 e 45\$00.

SÓ A REFORMA AGRÁRIA RESOLVERÁ OS PROBLE- MAS DA AGRICULTURA PORTUGUESA

CAMPANHA DE AUXÍLIO PARA «O CAMPONÊS»

Amigos do «Camponês»	150\$00	Vitória	1\$00
Germano Vidigal	100\$00	Para o «Camponês»	12\$00
João Adelino dos Santos	50\$00	Lista nº 154	7\$50
Lista nº 22	15\$00	" " 158	12\$50
" " 103	40\$00	" " 140	11\$00
" " O. B.	58\$50	" " 7	15\$00
" " do Natal (11)	62\$50	" " 9	20\$50
O povo não está esquecido	35\$00	" " 10	8\$50
Para a Frente	1\$50	" " 24	32\$00
Peia Paz	1\$00		
Um Amigo	1\$50		644\$00

MORREU JOSÉ GREGÓRIO, UM GRANDE AMIGO DOS TRABALHADORES

No passado mês de Maio morreu na Checoslováquia o grande lutador operário José Gregório. A sua morte é uma perda irreparável para todos os trabalhadores portugueses a quem ele dedicou toda a sua vida.

Operário vidreiro, começou a trabalhar ainda criança não tendo por isso a oportunidade de frequentar qualquer escola, mas a sua inteligência e combatividade, assim como o amor à sua classe em breve fariam dele um jovem deslocado e respeitado por todos.

Desde muito novo que a sua vida foi toda dedicada à luta. A sua acção como dirigente sindical, como um dos organizadores do movimento do 18 de Janeiro de 1934 na Marinha Grande contra a fascização dos sindicatos, tal como a sua acção como dirigente do Partido Comunista Português, acarretaram-lhe o ódio feroz do fascismo que durante longos anos o perseguiu sem descanso. Este facto aliado às inúmeras dificuldades criadas por longos anos de clandestinidade e ainda aos espancamentos e torturas policiais quando foi preso, acabaram por lhe contrair uma crua doença do coração a que não conseguiu resistir.

«O Camponês», consciente da perda que representa para o pro-

letariado e o povo português a morte dum tal lutador e dirigente operário, não pode deixar de lhe prestar a sua homenagem apontando-o como exemplo a todos os proletários agrícolas.

Glória eterna a José Gregório!

ABAIXO A GUERRA COLONIAL

(continuação da 1ª pág.)

independência. A luta que eles travam contra o colonialismo e pela liberdade é a mesma que o povo português trava contra os seus opressores; ajudar os povos das colónias é ajudar a derrotar Salazar e a sua camarilha que tantas desgraças têm trazido ao país.

É preciso denunciar por todos os meios a guerra colonial, não deixando que partam para elas, os nossos filhos, irmãos, parentes e amigos.

É preciso recusar toda a ajuda em dinheiro para as chamadas vítimas de Angola.

É preciso igualmente lutar contra os novos impostos ou o agravamento de quaisquer outros.

Que todos escrevam pelas estradas, paredes e muros: ABAIXO A GUERRA COLONIAL! NEM MAIS UM SOLDADO PARA ANGOLA! FORA SALAZAR!

DOS PAÍSES SOCIALISTAS

A REFORMA AGRÁRIA NA CHINA

Temos já falado em Reformas Agrárias que têm sido levadas a cabo em alguns países. Desta vez vamos dizer algumas palavras acerca da Reforma Agrária chinesa, depois da vitória do povo deste país sobre a camarilha reaccionária e traidora de Chang Kay Chek.

Antes da vitória do regime socialista, a China era um país onde existia um regime de propriedade de feudal, em que os grandes agrários, que constituíam menos de 10% dos proprietários, possuíam entre 70 a 80% de toda a terra! Esta situação era por eles aproveitada para conduzir a mais desenfreada exploração dos assalariados agrícolas e pequenos camponeses, que constituíam cerca de 90% da população rural e não possuíam senão entre 20 a 30% da terra, sendo, por isso grande a fome e miséria que existia no país.

A Reforma Agrária adoptada a 28 de Julho de 1950 dizia no seu artigo 2: «As terras, os animais de trabalho, o material agrícola, os excedentes de grãos e de edifícios no campo pertencentes aos grandes agrários serão confiscados. Todavia, os outros bens não o serão». O artigo 3 estabelecia que

seriam também requisitados as terras pertencentes aos santuários, templos, mosteiros, igrejas etc..

O artigo 10 estabelecia que aos camponeses pobres, tal como aos agrários cuja terra foi confiscada, fosse distribuída a quantidade de terra suficiente que permitisse aos primeiros viver sem dificuldade e que os segundos tivessem a possibilidade de se regenerarem pelo trabalho.

Dentro do princípio de dar a terra a quem a trabalha, foi também estabelecido que as terras que eram cultivadas em regime de renda ou parceria de qualquer espécie, que em algumas regiões constituíam cerca de 60 a 70% da terra cultivada, fossem entregues aos seus cultivadores.

A nacionalização e entrega de grandes extensões de terra antes mal cultivada, ou em pousio, tal como a repartição por milhões de camponeses pobres de quantidades suficientes de terra, acabou para sempre com as fomes que dizimavam milhares e milhares de camponeses todos os anos.

A colectivização da terra e a sua distribuição permitiu ainda resolver outros problemas como a regularização de grandes e pequenos cursos de água, que em muitos anos causavam destruições sem conta, matando milhares de pessoas, destruindo povoações em grande número, etc.. Com a regularização dos cursos de água, conseguiu-se também irrigar extensões enormíssimas de terra, além de se passar a produzir energia eléctrica barata, que permitiu a industrialização de regiões onde antes nenhuma indústria havia e levar o progresso às massas camponesas que antes viviam na miséria e atraso seculares!

A situação no nosso país em especial no Alentejo e parte do Ribatejo tem algumas semelhanças com a que existia na China antes da revolução. Também aqui a terra pertence a umas escassas dezenas de senhores, que a mantêm inculta ou mal cultivada enquanto centenas de milhares de operários agrícolas não têm onde lançar uma semente e dezenas de milhares de pequenos e médios camponeses, rendeiros, parceiros, etc., levam uma vida arrastada e sempre na iminência de perderem tudo, terras e benfeitorias, ou seja, anos e anos de trabalho e sacrifícios.

O exemplo do povo chinês, como o de outros povos que puzeram fim ao regime de propriedade feudal e entregaram a terra a quem a trabalha, deve servir aos camponeses de todo o país. Só a Reforma Agrária preconizada pelo Partido Comunista Português e o fim do regime salazarista pode acabar com a miséria e atraso que vai nos campos de Portugal!